

DO SEXTING AO CYBERBULLYING: PRINCIPAIS MOTIVAÇÕES POR DETRÁS DO FENÓMENO

Ana Rita Dias¹

ana.rita.b.d@hotmail.com

Catarina Conde²

carc.conde@hotmail.com

Leonor Fráguas³

leonorfraguas@gmail.com

Paula Duarte⁴

pauladuarte_18@hotmail.com

Paula Costa Ferreira⁵

paula.costa.ferreira@gmail.com

Sidclay Bezerra de Souza⁶

ssouza@campus.ul.pt

RESUMO

Este estudo foi desenvolvido com o objetivo de esclarecer as motivações subjacentes ao fenómeno de *sexting*, bem como aquelas associadas à subsequente publicação das fotografias, e de determinar a frequência e prevalência de comportamentos relativos ao envio e publicação em ambos os sexos. Foram recolhidos casos reais, disponíveis na *internet*, dos quais foram selecionadas informações relativas às motivações de ambas as partes. Numa segunda fase,

1 Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa;

2 Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa;

3 Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa;

4 Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa;

5 CICPSI, Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa;

6 CICPSI, Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa.

403 indivíduos responderam a um questionário sobre a mesma questão. Os resultados indicam o *flirt*/demonstração de interesse sexual como a principal motivação de envio e a humilhação como o principal motivo de publicação, sendo os *sexts* maioritariamente enviados pelo sexo feminino e publicados pelo sexo masculino. O estudo resultou na conclusão de que o *sexting* é um fenómeno bastante frequente, nomeadamente entre jovens adultos (18 aos 23 anos), sendo fundamental o estudo das motivações associadas ao fenómeno para a sua compreensão. PALAVRAS-CHAVE: CYBERBULLYING; SEXTING; MOTIVAÇÕES; SEXTS.

FROM SEXTING TO CYBERBULLYING: MAIN MOTIVATIONS BEHIND THE PHENOMENON

ABSTRACT

This study was developed with the purpose of clarifying the motivations underlying the phenomenon of sexting, as well as those associated to the subsequent publication of the photographs, and to determine the frequency and prevalence of behaviors related to sending and publishing in both gender. Real cases were collected, which were available on the Internet, and from which information regarding the motivations of both genders was selected. In a second phase, 403 individuals answered a questionnaire with the same question. The results indicate the flirt / demonstration of sexual interest as the main reason for sending messages and humiliation as the main reason for publication, being the sexts mostly sent by the female gender and published by the male gender. The study resulted in the conclusion that sexting is a very frequent phenomenon, especially among young adults (18 to 23 years), and it is fundamental to study the motivations associated with the phenomenon in order to understand it.

KEY WORDS: CYBERBULLYING; SEXTING; MOTIVATIONS; SEXTS.

DEL SEXTING AL CYBERBULLYING: PRINCIPALES MOTIVACIONES DETRÁS DEL FENÓMENO

RESUMEN

Este estudio fue desarrollado con el objetivo de aclarar las motivaciones subyacentes al fenómeno de *sexting*, así como aquellas asociadas a la posterior publicación de las fotografías, y de determinar la frecuencia y prevalencia de comportamientos relativos al envío y publicación en ambos sexos. Se recogieron casos reales, disponibles en Internet, de los cuales se seleccionó información relativa a las motivaciones de ambas partes. En una segunda fase, 403 individuos respondieron a un cuestionario sobre la misma cuestión. Los resultados indican el *flirt* / demostración de interés sexual como la principal motivación de envío y la humillación como el principal motivo de publicación, siendo los *sexts* mayoritariamente enviados por el sexo femenino y publicados por el sexo masculino. El estudio resultó en la conclusión de que el *sexting* es un fenómeno bastante frecuente, especialmente entre jóvenes adultos (18 a 23 años), siendo fundamental el estudio de las motivaciones asociadas al fenómeno para su comprensión. PALABRAS CLAVE: CYBERBULLYING; SEXTING; MOTIVACIONES; SEXTS.

INTRODUÇÃO

O bullying e o cyberbullying são fenómenos cada vez mais estudados. O cyberbullying é um tipo de violência praticada contra alguém através da internet ou de outra tecnologia, havendo várias formas de o praticar e inúmeros fatores associados. Com o desenvolvimento das novas tecnologias, o cyberbullying tem adquirido grandes dimensões. De um modo geral, o cyberbullying é uma expressão da violência que é vivenciada pelos estudantes (SOUZA; VEIGA SIMÃO, 2017), constituindo uma nova expressão do bullying enquanto agressão, ameaça e provocação de desconforto. Tais comportamentos de agressão são premeditados, repetidos, realizados por meio de dispositivos tecnológicos de comunicação com uma vítima ou mais (SOUZA; VEIGA SIMÃO; FRANCISCO, 2014).

Sendo o cyberbullying em geral um fenómeno tão atual, é muito importante perceber quais as estratégias adotadas pelas vítimas para o prevenir e combater. Neste sentido, Souza, Veiga Simão e Caetano (2014) referem que “restringir e encerrar contactos” (correio electrónico e número de telefone), “excluir os agressores das redes sociais” e “contactar os gestores do site ou da rede social” são as estratégias online indicadas com maior frequência.

Neste estudo, será abordada uma das temáticas relacionadas com o cyberbullying: o sexting. O fenómeno de sexting refere-se ao envio de conteúdo erótico e/ou sensual através de meios eletrónicos. A subsequente publicação desses conteúdos constitui uma das formas de cyberbullying. O objetivo deste estudo é esclarecer as motivações subjacentes ao envio e à publicação desses conteúdos.

SEXTING

No caso particular do sexting, dados os potenciais riscos legais e psicológicos associados, é importante que os jovens, os pais, os professores e os órgãos legislativos tenham uma compreensão mais profunda sobre este comportamento (Strassberg, McKinnon, Sustaíta, & Rullo, 2013).

De acordo com Manning, (2013) o fenómeno do sexting ainda permanece por explorar, nomeadamente a nível académico, sendo que as investigações até aqui realizadas centram-se mais no domínio legal ou no lado obscuro do fenómeno. Em relação aos adultos, a investigação é limitada aos escândalos políticos que se tornam públicos. No estudo de Manning (2013), uma das maiores dificuldades foi a operacionalização do conceito. Essa dificuldade impossibilitava a consistência entre os diversos estudos, e então o conceito acabou por ser definido como sendo uma “troca interativa voluntária de mensagens orientadas sexualmente, utilizando dispositivos e comunicações móveis digitais”.

O sexting tem duas vertentes essenciais: quem envia fotografias de si próprio com conteúdo íntimo e quem torna públicas essas imagens. O presente estudo incide sobre as motivações de ambas as partes.

Geralmente, quem envia fotografias íntimas fá-lo por acreditar que é uma forma de demonstração de confiança e de amor para com o companheiro, embora a maioria tenha consciência de que este as poderá tornar públicas, sendo a duração da relação um dos fatores determinantes da confiança depositada – quanto maior a duração da relação e a confiança, mais

provável é o recurso ao sexting (Hasinoff & Shepherd, 2014). Um estudo de Hertlein, Shadid e Steelman (2015) indica que o envio de fotografias íntimas está relacionado com a orientação sexual, demonstrando que os casais homossexuais e bissexuais têm uma maior disponibilidade em relação à prática de sexting, comparativamente com casais heterossexuais.

A literatura aponta também para uma influência de traços de personalidade e de estilos de vinculação nas práticas de sexting. A extroversão constitui um preditor do envolvimento em práticas de sexting através de mensagens de texto, ao passo que o neuroticismo e a reduzida condescendência são preditores do sexting ao nível de fotografias em roupa interior ou mesmo em nudez total (Delevi, & Weisskirch, 2013). De acordo com Drouin e Landgraff (2012), o fenómeno de sexting está mais associado àqueles com vinculação insegura evitante. No sexo feminino, verifica-se uma correlação entre a vinculação insegura ansiosa com a frequência do consentimento em práticas de sexting indesejadas, sendo o consentimento muitas vezes dado para evitar discussões (Drouin, & Tobin, 2014).

Q1: QUAL É O PRINCIPAL MOTIVO DO ENVIO DE *SEXTS*?

Burkett (2015) refere que quem envia este tipo de fotografias fá-lo numa tentativa de ser atraente para o companheiro/a, de começar a sua vida sexual ou de chamar a atenção. Cooper, Quayle, Jonsson e Svedin, (2016) identificam inúmeros fatores associados a este fenómeno, nomeadamente o *flirt*, a procura de atenção no sentido romântico, a confiança numa relação de compromisso, a pressão por parte de alguém e a tentativa de suscitar o interesse de uma pessoa com a qual ainda não se tem uma relação. O estudo de Cooper *et al.*, (2016) baseia-se em dados recolhidos em 2009, o que torna provável a desatualização dos resultados, dado que o *sexting* é um fenómeno recente e, como tal, está em constante transformação. Por essa razão, parece-nos pertinente verificar se as motivações referidas ainda se verificam atualmente, nomeadamente no que à procura de atenção diz respeito. Assim sendo, a nossa primeira hipótese é que o principal motivo do envio de *sexts* é a procura de atenção.

Q2: QUAL É O SEXO QUE MAIS ENVIA *SEXTS* E QUAL É O QUE PARTILHA MAIS AS *SEXTS* QUE RECEBE?

Vários estudos apontam para uma diferença entre sexos, apresentando as raparigas maior tendência para o envio de fotografias e os rapazes para a sua publicação. (Walker, Sanci, & Temple-Smith, 2013). Os rapazes tendem a julgar as raparigas que enviam *sexts*, caracterizando-as como inseguras e oferecidas; no entanto, as raparigas afirmam sentir pressão por parte dos rapazes para o envio de fotografias íntimas (Lippman & Campbell, 2014). Os estudos de Walker, Sanci e Temple-Smith (2013) e de Lippman e Campbell (2014) foram realizados com participantes adolescentes, razão pela qual seria interessante testar esta diferença entre géneros numa amostra constituída por participantes com uma maior distribuição etária, como a que está presente neste estudo. Assim sendo, a nossa segunda hipótese é que as raparigas são quem mais envia *sexts* e os rapazes são quem mais partilha as mensagens recebidas, sem a devida permissão.

De acordo com Martinez-Prathere e Vandiver (2014), há maior aderência ao sexting por parte de mulheres, sendo uma das principais motivações associadas o interesse sexual em alguém, sendo o envio deste tipo de fotografias visto como uma forma de comunicar (i.e. mostrar interesse

sexual no destinatário das fotografias). Esses autores apontam o maior recurso a mensagens como forma de comunicação e a maior quantidade de tempo passado com os amigos num ambiente sem supervisão como preditores do fenómeno de sexting; no entanto, a monitorização por parte dos pais não está significativamente relacionada com o sexting. Apesar de o envolvimento no sexting ser positivamente predito pela conectividade aos pares através da comunicação por telemóvel e negativamente predito pela conectividade à família, estudos afirmam que o controlo parental sobre a tecnologia não tem impacto neste aspeto (Campbell & Park, 2014).

Quanto aos meios utilizados para a prática de sexting, investigação sobre este assunto indica que o telemóvel é um dos meios privilegiados para o envio, transmitindo mais segurança e confiança relativamente a uma eventual publicação (Zemmels & Khey, 2015). No entanto, considerando apenas a internet como meio utilizado para o envio desse tipo de fotografias, conclui-se que o sexting ocorre principalmente através de aplicações de smartphone, como o Snapchat ou o WhatsApp, por serem percebidas como uma forma mais íntima de comunicação do que outras aplicações digitais ou sites de encontros online (Van Ouytsel, Van Gool, Walrave, Ponnet, & Peeters, 2016).

PUBLICAÇÃO DE *SEXTS*

O sexting consensual pode facilitar a intimidade nas relações, mas pode desencadear uma série de efeitos negativos quando usado como ferramenta de vitimização, variando esses efeitos desde o embaraço até à depressão e ao suicídio (Brenick, Flannery, & Rankin, 2016).

É importante realçar que a publicação de imagens ou vídeos sem consentimento não só constitui uma forma de *cyberbullying*, mas é também ilegal, constituindo uma forma de crime, sendo este agravado quando se trata de menores.

Q3: Qual é o principal motivo da partilha de conteúdo íntimo sem permissão?

Entre as motivações associadas à publicação, destaca-se a vingança ou os sentimentos negativos no fim do relacionamento; o aumento da autoestima de quem torna públicas as imagens não é tão frequente, mas, ainda assim, é apontado como uma das motivações, sendo que um estudo realizado por Burkett, (2015) indica que os rapazes, para se sentirem mais poderosos, mostram aos amigos as fotografias recebidas, adotando o sentido de humor. Este estudo é muito semelhante ao nosso, visto que foram realizadas 40 entrevistas a jovens adultos com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos com o objetivo de compreender o contexto e as motivações do sexting. É, por isso, expectável que o presente estudo conduza a conclusões semelhantes. Assim sendo, a nossa terceira hipótese é que o principal motivo de partilha de conteúdo íntimo é a vingança.

O sexting é um fenómeno comum entre os jovens, registando-se uma prevalência de 1/5 até 1/3 (Strohmaier, Murphy, & DeMatteo, 2014). Apesar de a prevalência do fenómeno de sexting ser elevada, a frequência é relativamente baixa, isto é, o sexting é praticado por muitas pessoas, mas essas pessoas fazem-no raramente (menos de 3 vezes por mês). Em geral, os homens reportam expectativas positivas fortes, ao contrário das mulheres, que reportam expectativas mais negativas. As experiências sociais negativas associadas ao sexting são de frequência relativamente reduzida, mas o facto de a maioria dos jovens ter conhecimento de casos de

peças que experienciaram efeitos negativos sugere consciência dos efeitos negativos por vezes associados ao sexting (Strohmaier et al., 2014).

Enquanto os media têm retratado o sexting como um problema causado pelas novas tecnologias, os profissionais da saúde abordam o fenómeno como um aspeto do desenvolvimento sexual dos adolescentes, de exploração, risco e desafio psicossocial (Ybarra, & Mitchell, 2014). De qualquer forma, é previsível que do sexting advenham inúmeros problemas, no caso do conteúdo enviado ser tornado público; ou seja, a principal consequência do sexting é tornar-se uma forma de *cyberbullying*.

Dessa forma, o estudo que aqui se apresenta teve os seguintes objetivos: a) compreender o principal motivo do envio dos sexts; b) perceber qual o sexo que mais envia sexts e qual é o que partilha mais as sexts que recebe; bem como, c) analisar o principal motivo da partilha de conteúdo íntimo sem permissão. Nesse sentido, consideramos que o estudo das motivações que impulsionam a prática de sexting é de grande pertinência, podendo contribuir para uma redução de casos de *cyberbullying*, que levam depois a suicídio, depressão, e outras consequências do fenómeno para as vítimas.

MÉTODO

Neste estudo, foi utilizado um método misto, com uma vertente qualitativa e uma vertente quantitativa. Na fase qualitativa foram recolhidos casos disponíveis na *internet* e na fase quantitativa foi feito um questionário relativo às motivações associadas ao *sexting*. Desse modo, não se levantam questões éticas, dado que as informações dos casos disponíveis na internet já tinham sido tornadas públicas, e os dados recolhidos pelos questionários são anónimos e confidenciais.

PARTICIPANTES

Na vertente exploratória, foi feito o possível para que a amostra fosse representativa, sendo os indivíduos de sexos e idades distintas e pertencentes a diferentes contextos sociais (estudantes de diferentes níveis de escolaridade e trabalhadores de diferentes áreas profissionais), sendo desconhecidos o estatuto socioeconómico e a etnia. A amostra inclui uma certa diversidade de condições, o que torna as conclusões do estudo menos dependentes de características individuais e de fatores específicos de um grupo de pessoas também ele específico e homogéneo. Dos casos encontrados na internet, foi selecionada a informação mais relevante para a presente investigação, nomeadamente as motivações associadas a cada caso, com o intuito de extrair um conjunto de motivações referidas por pessoas envolvidas nessas situações.

Na vertente quantitativa, o questionário foi publicado em várias plataformas online, tendo sido obtidas 403 respostas. Neste caso, foi mais difícil garantir a homogeneidade da amostra, por não ser possível controlar, por completo, quem respondia ao questionário, daí resultando uma grande diferença entre sexos na amostra (94,8% é do sexo feminino). No entanto, consideramos que esta discrepância possa ser positiva, visto que a maioria dos questionários foi preenchida por pessoas do sexo que assume maioritariamente o papel de vítima nos casos de *cyberbullying* relacionados com o sexting. A grande maioria dos participantes (53,3%) situa-se na faixa etária dos 18 aos 23 anos de idade.

INSTRUMENTO

Na parte exploratória, foram utilizadas notícias disponíveis online como meio de recolha de dados. Essas notícias continham descrições de situações reais, nas quais as vítimas se depararam com a publicação das mensagens que tinham enviado em contexto íntimo. Desse modo, foi possível clarificar as motivações associadas ao fenómeno em estudo.

Na parte quantitativa, desenvolvida num segundo momento do estudo, foi utilizado como instrumento de recolha de dados um questionário online dividido em três secções. No início do questionário, foi facultada uma definição de sexting e de sexts, de forma a garantir que os participantes tinham uma ideia operacionalizada dos fenómenos, assegurando, assim, a validade das respostas.

A primeira secção, relativa a dados sociodemográficos como a idade e o sexo, é de carácter indispensável para a caracterização da nossa amostra.

A segunda secção dividiria os participantes em quatro categorias: pessoas que já tinham enviado sexts, pessoas que já tinham recebido sexts, pessoas que já tinham recebido e enviado sexts, e pessoas que nunca tinham estado envolvidas numa situação de sexting. A partir daqui, o questionário dividia-se em três percursos diferentes: i) aos participantes que apenas tinham enviado sexts, foi colocada a questão “O que te levou a enviar sexts?”, ii) àqueles que apenas tinham recebido sexts, foram colocadas as questões “O que é que achas que levou essa pessoa a enviarte sexts?” e “Alguma vez partilhaste, sem autorização, essas mensagens/conteúdo íntimo?” (nesta questão, os participantes que responderam afirmativamente foram encaminhados para a questão “Se sim, porque é que partilhaste?”), iii) os participantes que tinham enviado e recebido sexts, foram encaminhados para todas as questões acima mencionadas. Para cada uma das questões, os participantes poderiam dar mais do que uma resposta (no máximo 3 respostas).

A última secção do questionário, dedicada a todos os participantes, incluía as seguintes questões: “Na tua perspetiva, o que é que achas que leva alguém a enviar sexts?” e “Na tua opinião, o que é que leva alguém a partilhar esses conteúdos?”.

ANÁLISE DE DADOS

Na análise dos dados foram consideradas as informações relativas à caracterização sociodemográfica dos participantes e as frequências, em percentagem, de cada resposta disponibilizadas pelos participantes através do Google Forms.

RESULTADOS

Relativamente à parte exploratória do estudo, a situação mais prevalente – pelo menos dos casos que se tornaram públicos e aos quais tivemos acesso – está relacionada com a publicação online das mensagens de carácter íntimo, por parte dos namorados, quando as namoradas terminam o relacionamento. Um dos casos que encontramos, ilustrativo dessa situação, foi o de **E.J., de 24 anos, que trocava frequentemente mensagens de carácter íntimo com o seu namorado. Surgiram alguns problemas na relação e, após esta ter terminado, o seu namorado, por vingança, partilhou no Facebook fotografias em que E.J. aparecia nua.** Este é apenas um exemplo dos casos que analisámos, e a motivação mais frequentemente referida neles foi a vingança, com uma prevalência de 80%. Um dos outros casos encontrados foi

o de AS, uma estudante de 25 anos que, depois de ser coroada rainha num concurso de beleza em São Paulo, viu as suas fotografias íntimas circular na internet depois de um hacker ter retirado do seu computador várias fotografias de carácter íntimo. Essas fotografias foram publicadas na internet pelo hacker, que as enviou por e-mail para várias pessoas. Casos desse género têm ocorrido com uma frequência progressivamente mais elevada, tendo várias figuras públicas sido vítimas de situações semelhantes.

O caso de A.T., uma adolescente canadiana de 12 anos, é relevante pelas suas consequências e frequência. **A.T. mostrou o peito a um desconhecido através de uma webcam e enviou-lhe várias fotografias de carácter íntimo. O homem começou a pedir mais fotografias e vídeos em que A.T. estivesse nua e, quando esta se negou a fazê-lo, viu os seus vídeos publicados online. A.T. foi gozada e humilhada pelos colegas da escola e, mais tarde, acabou por se suicidar.**

Na parte quantitativa do estudo, dos 403 participantes, 94,8% são raparigas (382 participantes) e apenas 5,2% (21 participantes) são homens. Relativamente às idades, apenas 0,5% dos participantes tinham menos de 13 anos (2 participantes), 43,2% tinham entre 13 a 18 anos (174 participantes), 53,3% tinham entre 18 a 23 anos (215 participantes) e apenas 3% tinha mais de 23 anos (12 participantes).

Na segunda secção, 2,5% dos participantes assumiram já ter enviado sexts, 13,2% já ter recebido sexts e 56,3% já terem enviado e recebido sexts, representando a maioria. Apenas 28% dos participantes disseram nunca ter estado envolvidos nessa situação.

Na questão “O que te levou a enviar sexts?”, com 237 respostas, as mais escolhidas foram “flirt/mostrar interesse sexual” (60,8%) e “iniciativa própria” (57,8%), sendo que a “iniciativa própria” descreve o envio de sexts sem solicitação por parte do destinatário.

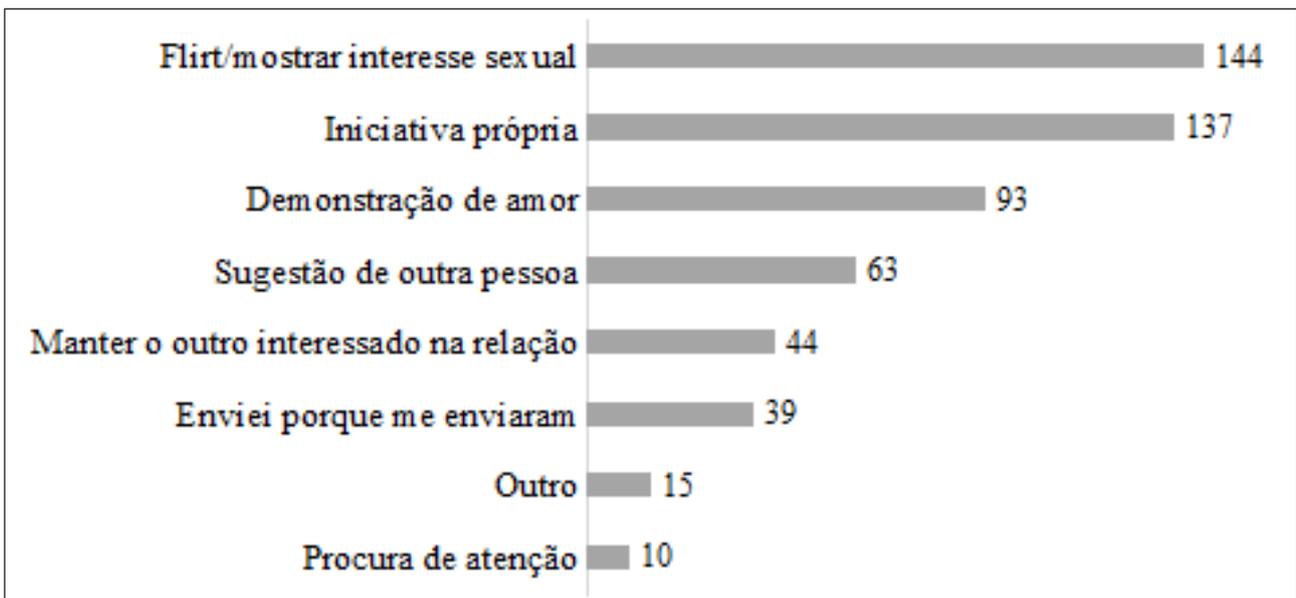


Gráfico 1. Motivo de ter enviado sexts

Quanto à questão “O que é que achas que levou essa pessoa a enviar-te sexts?” responderam 280 participantes, tendo as respostas mais escolhidas sido, novamente, “flirt/mostrar interesse sexual” (71,8%) e “iniciativa própria” (70%).



Gráfico 2. Motivo de a outra pessoa ter enviado sexts

Tanto os participantes que enviaram sexts como aqueles que os receberam indicam o flirt/mostrar interesse sexual e a iniciativa própria como as principais motivações por detrás do envio de sexts. Assim sendo, estes resultados refutam a nossa primeira hipótese, segundo a qual a procura de atenção é o principal motivo pelo qual os sexts são enviados.

Quando foi perguntado aos participantes que já tinham recebido sexts se, alguma vez, partilharam essas mensagens/conteúdos íntimos sem autorização, 95,4% (correspondente a 267 participantes) responderam negativamente. De entre os que deram uma resposta afirmativa (4,6%), 10 apresentaram como motivo “quis mostrar aos meus amigos” e 3 responderam “outro motivo”. Esses resultados apontam para motivações de publicação diferentes da vingança, refutando, desse modo, a nossa terceira hipótese, segundo a qual a publicação de imagens íntimas é impulsionada pela vingança.

Na última secção, dedicada a todos os participantes e, portanto, com 403 respostas, foram colocadas as questões “Na tua perspetiva, o que é que achas que leva alguém a enviar sexts?” e “Na tua opinião, o que é que leva alguém a partilhar esses conteúdos?”. Na primeira, a maioria das respostas corresponde às opções “flirt/mostrar interesse sexual” (76,9%) e “iniciativa própria” (53,3%).

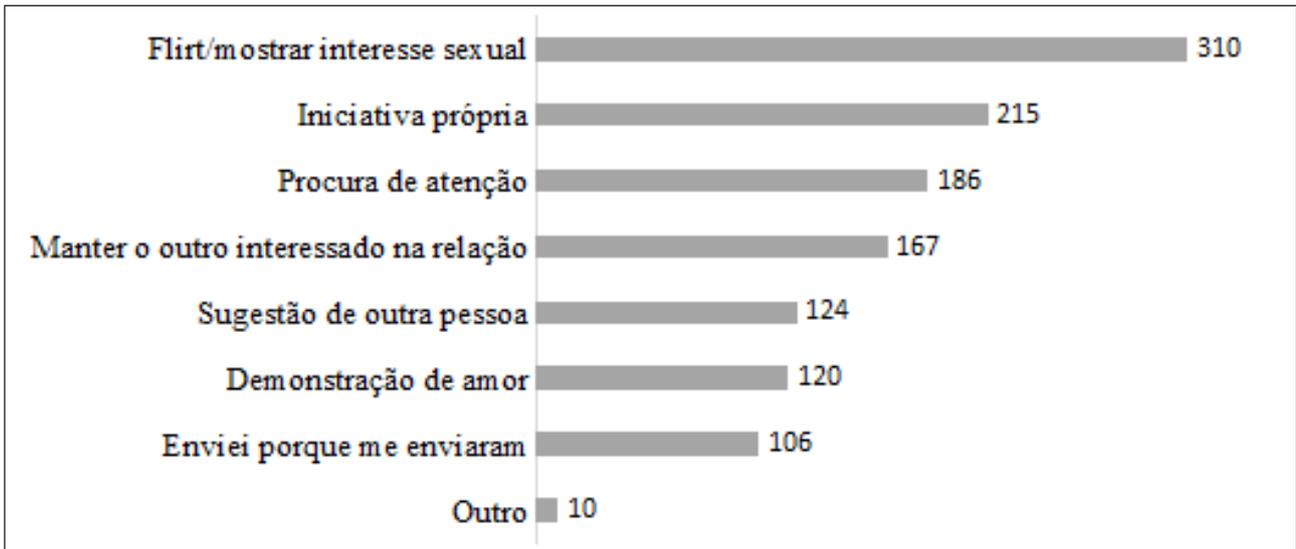


Gráfico 3. Motivos de os outros enviarem sexts

Na segunda questão – “Na tua opinião, o que é que leva alguém a partilhar esses conteúdos?” – as respostas foram mais consensuais, não havendo um motivo que se destaque.

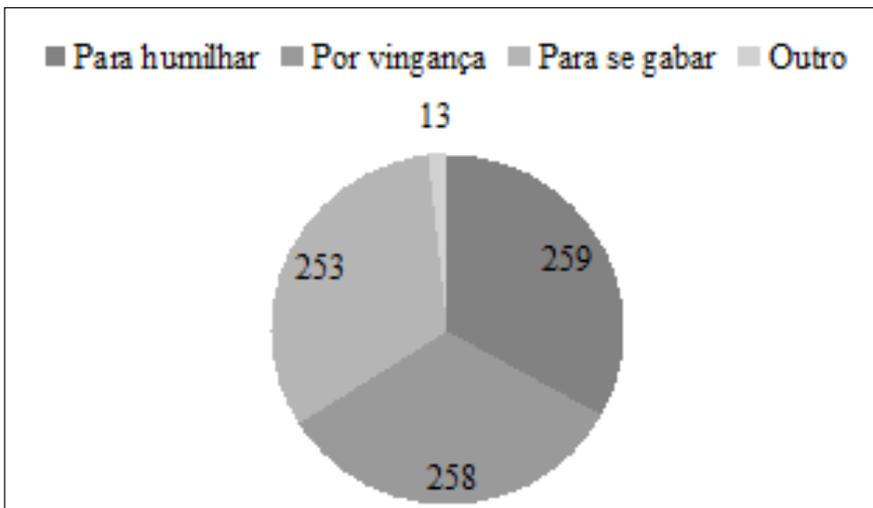


Gráfico 4. Motivo de partilha sem permissão das mensagens/imagens recebidas.

DISCUSSÃO

O desenvolvimento das tecnologias tem sido cada vez maior e mais rápido, o que faz com que estas tenham um papel e uma presença cada vez mais importante no dia-a-dia das pessoas, tendo este aspeto consequências positivas e negativas. Uma das consequências negativas tem sido o aumento de casos de *cyberbullying*, sendo o sexting por vezes uma ferramenta para o praticar. O envio de mensagens de cariz sexual e com conteúdo íntimo é um fenómeno cada vez mais frequente entre adolescentes e jovens adultos (mas não só), e por isso têm sido também cada vez mais frequentes os casos de partilha sem autorização desses conteúdos com a intenção de atacar, difamar e/ou humilhar a vítima. Segundo os casos reais, as consequências do *cyberbullying* para as

vítimas passam muitas vezes pelos danos psicológicos, falta de atenção na escola ou no trabalho, isolamento, baixa autoestima, depressão e até suicídio. Por isso, é importante aprender a prevenir esses casos, e, portanto, achamos fundamental estudar mais profundamente esse fenómeno.

O presente estudo incidiu então sobre o fenómeno de sexting, nomeadamente no que às motivações associadas diz respeito. O sexting, associado ao *cyberbullying* no caso de publicação dos sexts sem autorização, é um tema bastante atual e alvo de muita investigação. No entanto, as motivações a ele associadas são ainda pouco abordadas na literatura, que privilegia essencialmente dados relativos à frequência e prevalência desse comportamento. É aqui que reside a pertinência do nosso estudo que, abordando as motivações de vítimas e agressores, preenche essas lacunas.

Um dos aspetos interessantes deste estudo, e que importa realçar, é o facto de a maioria das pessoas que enviam sexts também já os terem recebido, o que vai de encontro aos resultados do estudo de Martinez-Prathere e Vandiver (2014), segundo o qual o envio desse tipo de conteúdo íntimo é visto como uma forma de comunicar (i.e. mostrar interesse sexual no destinatário das fotografias), não sendo o fenómeno de sexting unidirecional, uma vez que, geralmente, quem recebe também envia e vice-versa.

Para a primeira questão apresentada, que procurava saber qual a principal motivação por detrás do envio de sexts, propusemos que a principal motivação por detrás do envio de sexts é a procura de atenção; os resultados, que vão de encontro às motivações mencionadas por Cooper, Quayle, Jonsson e Svedin (2016), revelam que o principal motivo é o flirt/demonstração de interesse. No entanto, os participantes relataram outros motivos não referidos na literatura, como a sugestão de outra pessoa e o envio como forma de retribuição. Para a segunda questão, que pretendia esclarecer qual é o sexo que mais envia sexts e qual é o que partilha mais as sexts que recebe, verificamos que as raparigas são quem mais envia e os rapazes são quem mais partilha.

Embora as motivações subjacentes à publicação das mensagens e imagens correspondam às referidas na literatura, como a vingança, os sentimentos negativos, o fim do relacionamento e o aumento da autoestima de quem torna públicas as imagens, para a terceira e última questão, que procurava saber qual o principal motivo para a partilha de conteúdo íntimo sem permissão. Os nossos resultados nos permitiram verificar que a humilhação foi a motivação mais apontada pelos inquiridos. No entanto, para além de a diferença ser reduzida, é de notar que a humilhação pode constituir uma forma de vingança.

A partir deste estudo pudemos perceber, de um modo geral, que a principal motivação associada ao envio de sexts é o flirt/demonstração de interesse sexual e de que a humilhação é a motivação que predomina entre aqueles que tornam público o conteúdo íntimo. Além disso, este estudo permitiu-nos perceber que o sexo feminino é aquele que mais envia sexts, sendo o sexo masculino aquele que mais frequentemente os torna públicos.

Um dos aspetos que contribuiu para o enriquecimento do nosso estudo foi o uso de dados exploratórios, que nos permitiu ter um primeiro contacto com casos reais sobre essa temática e, de seguida, a realização de um questionário, que permitiu analisar vários aspetos referidos na literatura e nos casos a que tivemos acesso.

No entanto, o presente estudo apresenta limitações que se prendem não só com a distribuição da amostra – 94,8% é do sexo feminino –, mas também com o facto de se tratar de um assunto

sensível, que poderá induzir alguma relutância em admitir a partilha de conteúdos enviados por outra pessoa. O facto de o instrumento não ter sido validado constitui também uma limitação.

A publicação de imagens íntimas não tem apenas repercussões psicológicas de grande dimensão, como depressão ou suicídio. Esta pode também ter repercussões legais, pois a partilha das imagens sem autorização dos autores constitui crime, podendo os agressores ser punidos por lei, especialmente se se tratar de casos em que as vítimas são menores de idade. Muitas vezes, os jovens não têm conhecimento ou noção desse facto, acabando por se envolver em situações que podem vir a afetar o seu futuro.

É, então, de extrema importância conhecer, em primeiro lugar, as motivações associadas ao envio de conteúdo íntimo de forma a contorná-las e substituí-las por outros comportamentos. Em segundo lugar, é importante compreender as motivações associadas à publicação dos conteúdos, de modo a desenvolver estratégias de sensibilização relativamente às consequências que deste comportamento podem advir, não só para as vítimas, mas também para os próprios agressores. Nesse sentido, este estudo é bastante pertinente, sendo essas as suas implicações práticas, visto providenciar um conjunto de motivações apontadas por pessoas envolvidas e por pessoas que, nunca tendo estado envolvidas, veem o fenómeno de outra perspectiva.

Em terceiro lugar, é muito comum que em casos com adolescentes, por se tratar de assuntos que dizem respeito à sua intimidade, estes escondam dos pais o que estão a passar, por vergonha. É então importante estar atento aos sinais dessa agressão nas vítimas, para que estas possam ser ajudadas o mais rapidamente possível, evitando-se, assim, consequências graves. Esses sinais são semelhantes aos das vítimas de bullying, que passam por isolamento, pior desempenho escolar ou no trabalho, ataques de fúria, irritabilidade ou agressividade, comportamento delinvente (Hinduja & Patchin, 2007), insónias, automutilação, entre outros (Feinberg & Robey, 2009).

Propomos, assim, que investigações futuras incidam sobre as motivações subjacentes a esse fenómeno, garantindo amostras bem distribuídas e reforçando o sentido de anonimato e/ou confidencialidade de forma a assegurar a honestidade dos participantes. Propomos, ainda, que sejam adotadas outras metodologias, como focus groups e entrevistas individuais, que possam ultrapassar eventuais limitações de questionários online.

REFERÊNCIAS

- BRENICK, A.; FLANNERY, K.; RANKIN, E. Victimization or entertainment?: How attachment and rejection sensitivity relate to sexting experiences, evaluations, and victimization!. In: WRIGHT, M. F. (Org). **Identity, Sexuality, and Relationships among Emerging Adults in the Digital Age**. Hershey, PA: IGI Global, 2016. p. 203-225.
- BURKETT, M. Sex (t) talk: A qualitative analysis of young adults' negotiations of the pleasures and perils of sexting. **Sexuality & Culture**, v. 19, n. 4, p. 835-863, 2015. doi: 10.1007/s12119-015-9295-0

CAMPBELL, S.; PARK, Y. Predictors of mobile *sexting* among teens: Toward a new explanatory framework. **Mobile Media & Communication**, v. 2, n. 1, p. 20-39, 2014. doi: 10.1177/2050157913502645

COOPER, K.; QUAYLE, E.; JONSSON, L.; SVEDIN, C. Adolescents and self-taken sexual images: A review of the literature. **Computers in Human Behavior**, v. 55, p. 706-716, 2016. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.10.003>

DIR, A.; COSKUNPINAR, A.; STEINER, J.; CYDERS, M. Understanding differences in *sexting* behaviors across gender, relationship status, and sexual identity, and the role of expectancies in sexting. **Cyberpsychology, Behavior, and Social Network**, v. 16, n. 8, p. 568-574, 2013. <https://doi.org/10.1089/cyber.2012.0545>

DELEVI, R.; WEISSKIRCH, R. Personality factors as predictors of *sexting*. **Computers in Human Behavior**, v. 29, n. 6, p. 2589-2594, 2013. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2013.06.003>

DROUIN, M.; LANDGRAFF, C. Texting, sexting, and attachment in college students' romantic relationships. **Computers in Human Behavior**, v. 28, n. 2, p. 444-449, 2012. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2011.10.015>

DROUIN, M.; TOBIN, E. Unwanted but consensual *sexting* among young adults: Relations with attachment and sexual motivations. **Computers in Human Behavior**, v. 31, p.412-418, 2014. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2013.11.001>

HASINOFF, A.; SHEPERD, T. Sexting in context: Privacy norms and expectations. **International Journal of Communication**, v. 8, p. 24, 2014.

HERTLEIN, K.; SHADID, C.; STEELMAN, S. Exploring perceptions of acceptability of sexting in same-sex, bisexual, heterosexual relationships and communities. **Journal of Couple & Relationship Therapy**, v. 14, n. 4, p. 342-357, 2015. <https://doi.org/10.1080/15332691.2014.960547>

LIPMANN, J.; CAMPBELL, S. Damned if you do damned if you don't... if you're a girl: relational and normative contexts of adolescent sexting in the United States. **Journal of Children and Media**, v. 8, n. 4, p. 371-386, 2014. <https://doi.org/10.1080/17482798.2014.923009>

MANNING, J. Interpretive theorizing in the seductive world of sexuality and interpersonal communication: getting guerilla with studies of sexting and purity rings. **International Journal of Communication**, v. 7, p.2507-2520, 2013.

MARTINEZ-PRATHER, K.; VANDIVER, D. Sexting among teenagers in the United States: a retrospective analysis of identifying motivating factors, potential targets, and the role of a capable guardian. **International Journal of Cyber Criminology**, v. 8, n. 1, p. 21, 2014.

RINGROSE, J.; HARVEY, L. Boobs, back-off, six packs and bits: mediated body parts, gendered reward, and sexual shame in teens' sexting images. **Continuum: Journal of Media & Cultural Studies**, v. 29, n. 02, p. 215-217, 2015. <https://doi.org/10.1080/10304312.2015.1022952>

SOUZA, S. B.; VEIGA SIMÃO, A. M. (2017). Clima universitário e cyberbullying: um estudo com estudantes do Brasil e Portugal. **Revista@mbienteeducação**, v.10, n. 2, p. 181-196, 2017.

SOUZA, S. B.; VEIGA SIMÃO, A. M.; CAETANO, A. P. (2014). Cyberbullying: percepções acerca do fenómeno e das estratégias de enfrentamento. **Psicologia Reflexão e Crítica**, v. 27, n. 3, p. 582-590, 2014. doi: 10.1590/1678-7153.201427320

SOUZA, S. B.; VEIGA SIMÃO, A. M.; FRANCISCO, S. M. (2014). Cyberbullying: incidência, consequências e contributos para o diagnóstico no ensino superior. **Revista @mbienteeducação**, v. 7, n. 1, p. 90-104, 2014.

STRASSBERG, D.; MCKINNON, R.; SUSTAÍTA, M.; RULLO, J. *Sexting* by high school students: An exploratory and descriptive study. **Archives of Sexual Behavior**, v. 42, n. 1, p. 15-21, 2013. doi: 10.1007/s10508-012-9969-8

STROHMAIER H.; MURPHY, M.; DEMATTEO, D. Youth sexting: prevalence rates, driving motivations, and the deterrent effect of legal consequences. **Sexuality Research and Social Policy**, v. 11, n. 3, p. 245-255, 2014. doi: 10.1007/s13178-014-0162-9

VAN OUYTSEL, J.; VAN GOOL, E.; WALRAVE, M.; PONNET, K.; PEETERS, E. Exploring the role of social networking sites within adolescent romantic relationships and dating experiences. **Computers in Human Behavior**, v. 55, p.76-86, 2016. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.08.042>

WALKER, S.; SANCI, L.; TEMPLE-SMITH, M. *Sexting*: Young women's and men's views on its nature and origins. **Journal of Adolescent Health**, v. 52, n. 6, p.697-701, 2013. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2013.01.026>

YBARRA, M. & MITCHELL, K. "*Sexting*" and its relation to sexual activity and sexual risk behavior in a national survey of adolescents. **Journal of Adolescent Health**, v. 55, n. 6, p. 757-764, 2014. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2014.07.012>

ZEMMELS, D.; KHEY, D. Sharing of digital visual media: privacy concerns and trust among young people. **American Journal of Criminal Justice**, v. 40, n. 2, p.285-302, 2015. Doi: 10.1007/s12103-014-9245-7

HINDUJA, S.; PATCHIN, J. Offline consequences of online victimization: School violence and delinquency. **Journal of school violence**, v. 6, n. 3, p. 89-112, 2007. https://doi.org/10.1300/J202v06n03_06

FEINBERG, T.; ROBEY, N. Cyberbullying. **Education Digest: Essential Readings Condensed for Quick Review**, v. 74, n. 7, p. 26-31, 200

RECEBIDO em: 26/02/2018

APROVADO em: 27/04/2018

SOBRE OS AUTORES:

ANA RITA DIAS: Aluna do Mestrado Integrado em Psicologia pela Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. Alameda da Universidade, 1649-013 Lisboa, Portugal.

CATARINA CONDE: Aluna do Mestrado Integrado em Psicologia pela Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. Alameda da Universidade, 1649-013 Lisboa, Portugal.

LEONOR FRÁGUAS: Aluna do Mestrado Integrado em Psicologia pela Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. Alameda da Universidade, 1649-013 Lisboa, Portugal.

PAULA DUARTE: Aluna do Mestrado Integrado em Psicologia pela Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. Alameda da Universidade, 1649-013 Lisboa, Portugal.

PAULA COSTA FERREIRA: Investigadora de Pós-doutoramento com bolsa pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH/BPD/110695/2015), Coordenadora do Programa de Estudos sobre Cyberbullying no Grupo de Psicologia da Educação e Orientação – PEO da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. Doutora em Psicologia (Psicologia da Educação da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa e Instituto de Psicologia da Universidade Técnica de Darmstadt-Alemanha); Curso de Formação Avançada em Psicologia da Educação (Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa e Faculdade de Psicologia e Educação Ciências da Universidade de Coimbra); Mestrado em Ciências da Educação - Aprendizagem e Psicologia Desenvolvimento (Instituto de Educação da Universidade Católica de Lisboa); Pós-Graduação em Educação com especialização em Inglês e Português Didática, Linguagem e Literatura. Pesquisador em Psicologia Educacional (Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Portugal; Professora assistente convidada de cursos, como Violência entre pares: de bullying ao cyberbullying e temáticas em psicologia (Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Portugal). Interesses de investigação: auto-regulação da aprendizagem e comportamento, estratégias de aprendizagem, métodos de avaliação de processos (medidas repetidas, análise multinível e séries temporais), desenvolvimento de processos de auto-regulação em ambientes de aprendizagem suportados por tecnologia, ensino de inglês, validação de ferramentas para apoiar a regulação da aprendizagem, gestão de sala de aula, regulação motivacional e emocional, cyberbullying, o efeito do observador em cyberbullying e ensino de crianças e jovens adultos.

SIDCLAY BEZERRA DE SOUZA: Membro Pesquisador do Centro de Investigação em Ciência Psicológica (CICPSI) através do Grupo de Psicologia da Educação e Orientação (PEO) no âmbito do Programa de Estudos sobre Cyberbullying (PEC) da Faculdade de Psicologia - Universidade de Lisboa. Possui Doutorado em Psicologia, Especialidade em Psicologia da Educação pela Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa; Curso de Formação Avançada em Psicologia, Especialidade em Psicologia da Educação pela Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa; Mestrado em Psicologia da Educação pela Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa; Graduação em Psicologia pela Faculdade de Ciências Humanas Esuda (ESUDA) Recife/PE - Brasil. Seu interesse em termos de investigação versa sobre os seguintes temas: violência em contexto educativo. bullying. cyberbullying, clima escolar e universitário, regulação da aprendizagem, estratégias de aprendizagem, competências sócio-emocionais, dificuldades



DIAS A.R., CONDE C., FRÁGUAS L., DUARTE P., FERREIRA P.C, SIDCLAY F. S. Do sexting ao *cyberbullying*: principais motivações por detrás do fenómeno. Revista @mbienteeducação. São Paulo: Universidade Cidade de São Paulo, v. 11, n. 3, p. 290-305 set/dez. 2018.

na aprendizagem, fracasso escolar, evasão escolar, uso das tecnologias na promoção da aprendizagem e adaptação ao ensino superior.

RECEBIDO: 26/02/2018

APROVADO: 27/04/2018